

O Céu Vem Abaixo

José Diniz nasceu em tempos de paz, à beira mar de Niterói, nove anos após o final da Segunda Guerra Mundial. No entanto o seu imaginário sobre batalhas navais e a presença latente dos submarinos no mar, que era o seu quintal natural, sempre foi reforçado pelos filmes na TV e pelas histórias sobre a guerra, que por décadas rondaram os lares brasileiros.

Afinal, quase uma década antes, fatos demarcaram uma história complexa. Submarinos inimigos atacaram 71 navios na costa brasileira a um custo de quase 1.500 vidas. Em apenas três dias do mês de agosto de 1942, o submarino alemão U-507 afundou seis navios e matou 627 pessoas. Isso culminou na declaração de guerra do Brasil aos países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão). Em contrapartida, 11 submarinos inimigos foram atacados e afundados pelas aviações norte-americana e brasileira. Entre eles, o temível U-507.

Tais estímulos, somados à curiosidade da infância, levaram o pequeno Diniz a criar uma série de desenhos sobre submarinos. Desde então, o seu desejo de *re-memorar* e *re-imaginar* essas embarcações bélicas e seu entorno fantástico, sombrio e imprevisível, por meio de imagens, tornou-se uma obsessão criativa.

Em *O Céu Vem Abaixo*, o artista Diniz filia-se a uma linha contemporânea de fotógrafos-narradores que, por meio de uma esmerada experimentação da linguagem, alcançam o estatuto fotográfico de um chamado documental imaginário. Dessa forma, se, em algumas imagens, o submarino mimetiza a forma de um tubarão, isso deve ser creditado à imaginação infantil que segue sendo uma das principais correntes no mar de criações desse fotógrafo-inventor.

O periscópio, instrumento óptico e de espionagem, é também a metáfora da câmera fotográfica, como assinala o artista: *O periscópio, com seu poder de olhar sem ser notado, torna-se a fantasia ideal de um artista visual, um alter-ego, cuja lente poderia captar tudo, sem interferir em nada, simplesmente espiando livremente, sem restrições.*

Em outros momentos potenciais, o artista embrenha-se na escuridão das poucas imagens sobreviventes encontradas em suas pesquisas para escavar os fragmentos desta história e reconstituir imaginativamente uma paisagem pretérita, que pouco pode ser documentada pela fotografia, posto que grande parte das ações ocorria na escuridão do oceano.

Para tanto, ao confeccionar as imagens de *O céu vem abaixo*, Diniz precisou cumprir distintos papéis — de pesquisador, fotógrafo, desenhista a projetista e marceneiro, chegando à roteirista, editor, narrador e ator. Desenhos infantis, imagens de filmes capturadas na TV, documentos históricos, fac-símiles, mapas, além de fotografias diretas e manipuladas são as múltiplas grafias e imagens que se mesclam nas páginas deste livro no intuito de recriar a atmosfera de uma época traumática da guerra.

Graças à abertura imaginativa trazida pela potência poética das imagens de Diniz, somos convocados sensorialmente a uma memória que pesa sobre a história. Dados e relatos de um fato político social são elevados a um outro plano à medida em que somos convidados a adentrar numa zona de combate, a partir de imagens destes submarinos, imersos em vermelhos reluzentes ou projetados em pretos sombrios, nos fazendo oscilar entre a respiração e o sufocamento de uma paisagem ora sinistra, ora familiar.

Se foi a escuridão do mar que alimentou as fantasias do pequeno desenhista de Niterói e o levou a se transformar nesse potente artista, um virtuose a articular imagens e imaginações para gerar obras sobre o seu vasto universo particular talvez tenha sido a escuridão da história oficial que convocou este mesmo artista a querer mergulhar nas suas profundezas.

Como um observador do mar, em busca de seus tesouros, Diniz perfura os relatos oficiais, revolve os restos de histórias e adiciona pinceladas de imaginação, de luzes e vermelhos para nos alertar que é sempre possível encontrar poeticamente outros recomeços.

Eder Chiodetto e Fabiana Bruno

São Paulo, agosto de 2019

